

A VESTIMENTA COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO E RESISTÊNCIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX CARIOCA

*Clothing as an element of distinction and resistance
at the beginning of the carioca 20th century*

Figueirinha, Beatriz; Especialista em Artes Visuais; Universidade Estácio de Sá,
bia.sfig@gmail.com¹
Carvalho, Lia de Aquino; Mestra em História; Universidade Federal Fluminense,
otero16bott@gmail.com²

Resumo:

A reforma urbana carioca no início do século XX serviu para restringir a circulação das pessoas conforme suas aparências e classes. As roupas foram um dos elementos dessa distinção utilizadas pela classe dominante como meio de autoafirmação e tentativa de controle das classes marginalizadas, que resistiram. Com a contribuição das revistas e manuais de etiqueta, as roupas ajudaram a determinar classes e espaços de convívio, contribuindo como fontes documentais.

Palavras chave: Roupas; distinção; resistência.

Abstract:

The urban reform of Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century served to restrict the circulation of people according to their appearances and classes. Clothes were one of the elements of this distinction used by the dominant class as a means of self-assertion and an attempt to control marginalized classes in various aspects. With the contribution of magazines and etiquette manuals, the clothes helped to determine the living spaces, contributing as documentary sources.


Keywords: Clothes; distinction; resistance.

Introdução

Quando escolhemos o recorte espaço temporal da pesquisa, da qual origina este artigo, o que mais encontramos foram pesquisas acadêmicas voltados para a vestimenta feminina das elites. Isso causou um incômodo e acendeu o alerta: e a classe oposta, marginalizada? Logo, nosso objetivo se tornou pesquisar e aprofundar o conhecimento na cultura e nos hábitos vestimentares dessa camada popular, com o conseqüente foco nas mulheres. Questionamos qual é a identidade da vestimenta dessas mulheres e se deixou algum legado. Com o passar do tempo, nos damos conta que a vestimenta de

¹ Possui licenciaturas em História e Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis, é designer de Moda e especialista em Artes Visuais pela Universidade Estácio de Sá. Atuou como conservadora têxtil com parte do acervo da Casa Zuzu Angel Museu da Moda, vinculada ao Instituto Zuzu Angel.

² Possui mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense. Foi Professora Adjunta/ horista da Universidade Católica de Petrópolis. Tem experiência na área de História, com atuação em História Social.




algumas dessas mulheres marginalizadas, sobretudo as negras e mestiças iniciadas em religiões afro-brasileiras, resistiram muito vivas e não apenas em imagens e em vitrines de museus.

Falar sobre essa vestimenta negra é falar de Brasil e não apenas de uma cidade, porém, a presença negra no centro do Rio de Janeiro no início do século XX era maciça e a cidade tornou-se origem e símbolo de muitas das características marcantes afro-brasileiras. A cidade passou por inúmeros acontecimentos históricos como a reforma urbana, iniciada pelo então prefeito Pereira Passos em que novas avenidas, prédios modernos e bondes vinham acompanhados de transeuntes igualmente “civilizados” com espartilhos e cartolas europeus. A necessidade por um embelezamento estético acompanhava o crescimento econômico da capital da república, dando à reforma um caráter remodelador do espaço urbano e das pessoas que o usufruíam. Revistas e manuais de etiquetas expunham e disciplinavam a elite como meio de autoafirmação e tentativa de controle das classes marginalizadas, que ainda circulavam pelos arredores, afinal, eram as ruas seus locais de trabalho, moradia e sociabilidade.

Considerar a roupa como um dos fatores contributivos para a hegemonia e dominação de uma classe, assim como símbolo de identidade e resistência da outra, é trazer para a História mais um elemento de estudo que, somado às fontes escritas, ajuda a tecer informações sobre os hábitos e costumes cariocas. O uso da aparência por meio das roupas como fator e marca de distinção social afirma a vestimenta como forma de representação simbólica, podendo ser considerada fonte documental.

A metodologia desta pesquisa se desenvolveu através de uma análise bibliográfica em autores de diversas áreas e as abordagens foram, a saber: política e econômica do período estudado; relações entre classes e as maneiras de representação destas; a vestimenta como símbolo de distinção; a roupa como repositório de memória; entre outras. Diante deste apontamento é preciso exaltar que Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Georg Simmel foram os aportes teóricos da pesquisa de monografia em História que originou este artigo.



A reforma urbana carioca: “havia mesmo na *cousa* muito de *cenografia*”³

Início do século XX o Brasil precisava se adequar às necessidades da ‘criação, concentração e acumulação de capital’ (ABREU, 2003, p. 221). O Rio de Janeiro possuía uma parcela do que era necessário para se tornar industrial capitalista, porém, segundo Maurício Abreu (2003, p. 218), ‘entrava em conflito com toda uma estrutura urbana remanescente dos tempos coloniais’. Houve, portanto, um projeto para embelezar e higienizar a cidade a fim de adequá-la para atrair investimentos externos e ampliar o mercado atendendo às necessidades da economia capitalista e aos interesses da elite. Para a questão ideológica era preciso ter uma capital que simbolizasse a sua inserção no capitalismo mundial que traria à cidade o progresso e o modernismo que faltavam.

A população numerosa residente e trabalhadora do centro era composta por brancos, negros, mestiços, migrantes estrangeiros e do interior do país. Muitos eram mal remunerados, recebendo pagamentos abaixo dos valores cobrados pelos aluguéis das residências, o que os levavam a morar em habitações coletivas e cortiços cada vez mais cheios. Devido à essa realidade, viviam, em sua maioria, com pouca higiene o que atraía uma série de doenças, fato este do qual o governo se utilizou para justificar a demolição dos cortiços e efetuar demais ações sanitárias. Eram, portanto, vistos como um empecilho, que em nada seguia os padrões a que a cidade iria investir. Inúmeras foram as ações e repressões efetuadas sobre essa população.

Apesar da nova “cenografia” a qual Lima Barreto (1956) se refere, citada no subtítulo, a população continuou circulando no espaço público, local de trabalho, em destaque para as mulheres negras e mestiças, muitas migrantes da Bahia, que tinham ofícios no comércio de doces e salgados. A estratégia de sobrevivência delas estava na liberdade de circulação, pois as ruas eram como suas casas, locais de sobrevivência e luta. Segundo Mônica Velloso (1990, p. 6), entre essas mulheres havia uma tradição em se reunirem por meio de pequenas corporações de trabalho reforçando a rede de sociabilidade em que a comunidade era como uma família, no sentido amplo, ligado às tradições e identidade. Além das ruas havia também as casas das “tias” que serviam

³ Fala de Lima Barreto, jornalista e escritor contemporâneo ao período retratado, em seu livro “Os Bruzundangas” (1956).


para as reuniões, como a da tia Ciata, figura emblemática da resistência. Ciata foi a responsável por ter iniciado a tradição das baianas quituteiras na cidade do Rio de Janeiro, preservando a tradição oriunda das negras da Bahia que, como a própria Ciata, migraram para o Rio de Janeiro, reforçando suas expressões culturais que se refletiam também no vestuário.

Nesta reforma urbana, o sonho da capital moderna ficou pela metade, pois, de um lado estava a nova grande avenida europeia, do outro, resistindo, permaneciam as ruas estreitas e seus frequentadores descalços, com chapéus de palha e saias simples. A imprensa teve um forte papel neste momento, pois ao mesmo tempo em que fazia críticas bem humoradas sobre a “confusão” entre os novos e antigos transeuntes em meio à reforma urbana, serviu como mecanismo de convencimento, de obediência e legitimação do ideal de modo de vida da elite. A imagem da mulher se tornou vitrine do consumo capitalista por meio das roupas e maneiras publicadas nas revistas e periódicos. Um exemplo é a seção “Instantâneos” da revista *Careta* que funcionava como um *paparazzo* das mocinhas da alta sociedade que iam passear pelas ruas e *boutiques*. Junto às revistas e aos periódicos havia também a circulação de manuais de etiqueta que reforçaram a importância de se ter padrões vestimentares. Mas, como afirma Rosane Camargo (2009, p. 32), ‘as mudanças que a moda propõe muitas vezes esbarram em dificuldades culturais tão difíceis quanto a demolição de edifícios’.

A relação existente entre os modos da elite dominante e a nova reconfiguração do centro urbano, como forma de diferenciação e dominação, sofriam influência europeia e ao analisar a teoria do processo civilizador de Norbert Elias (1993) é possível associar a formação da sociedade carioca com o processo de civilização, estudado pelo sociólogo, através das transformações dos costumes, condutas e vestimentas. As classes sociais são marcadas pelo consumo de bens de cultura legítimos que carregam em si um valor, uma simbologia e a vestimenta pode ser vista como um desses fatores de distinção simbólico de classes.

As variadas faces das roupas: da distinção de classes à fonte documental

A moda possui diversas faces e, apesar de haver uma maior ênfase na face efêmera e frívola, ela está historicamente associada à economia. A ‘dinâmica da moda’,




como chama Gilles Lipovetsky (1989), teria saído da ‘arena das classes dominantes’ na ânsia de se destacarem. Pode-se dizer que havia uma espécie de “concorrência” entre as classes na corrida pela diferenciação e ascensão. A classe dominante acaba por determinar as transformações sociais e os modos de sociabilidade no espaço urbano revelando, por meio das roupas, hábitos, costumes, entre outros. Para Georg Simmel, a moda ‘é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornecem um universal (...)’, (SIMMEL, 2008, p. 24 *Apud.* GORBERG, 2013, p. 17). Em uma sociedade moderna, o consumo de moda consolidava funções sociais, ‘uma vez que a exibição de determinada indumentária em conformidade a códigos estrangeiros representaria um índice de civilidade e uma estratégia de diferenciação (...)’ (GORBERG, 2013, p. 34).

Falar das roupas como elementos simbólicos de distinção e até mesmo de resistência, é falar das roupas como suportes de memória, é tratar este item como uma fonte documental, carregada de informações que, aliadas a outras fontes, contribuem para a história. As roupas refletem uma historicidade, carregam uma biografia que comunica quem as vestiam; onde, como e quando foram usadas; quem as confeccionou; Assim como transmitem seus custos, manufaturas, matérias-primas e os ‘atributos intrínsecos e os de natureza físico-química’, conforme Ulpiano B. de Meneses (1998, p. 91). Os atributos materiais de um artefato têxtil, a partir da análise do pesquisador, servem de base empírica que justifica a dedução de dados sobre a ‘organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto’ (MENESES, 1998. p. 91). Segundo a historiadora Rita Andrade (2006, p. 5), ‘priorizar a roupa como fonte histórica dentro de um trabalho de pesquisa é reconhecer, finalmente, o papel fundamental e central desta fonte na história e no cotidiano de artefatos têxteis e da moda’.

A vestimenta como um símbolo de resistência


As obrigações impostas pela elite carioca iriam se deparar com a resistência dos marginalizados que, ao seu modo, conseguiram manter suas crenças e culturas nas redes estruturadas de apoio, nas festas populares como, por exemplo, o carnaval, nas reuniões na casa da tia Ciata e no próprio sincretismo religioso, em que, entre outros, faziam uso



de acessórios e vestes com cores e elementos, como amuletos, referentes aos seus orixás.

Consideramos como um grande símbolo de resistência, afirmação, memória, comunicação e expressão identitária o chamado traje de crioula. De formação híbrida, o traje de crioula pode ser entendido como genuinamente afro-brasileiro, com influências africanas e portuguesas. Segundo Lody (2015) o traje possui semelhanças aos usados pelas vendedeiras portuguesas dos séculos XVIII e XIX. Com o tempo, as mulheres negras incorporaram elementos e símbolos de suas próprias referências estéticas, religiosas e culturais. Foi muito usado pelas escravizadas, forras e libertas do século XIX, conhecidas como “ganhadeiras” por trabalharem no comércio de quitutes pelas ruas de forma semelhante às “baianas do acarajé”, cujo ofício foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2004. O traje de crioula, culturalmente, também está presente na ala das baianas das escolas de sambas e nas personagens do Maracatu de Pernambuco. Em um dado momento, o traje veio a originar a vestimenta das mães de santo do candomblé passando a ter um sentido sagrado. Em diferentes contextos e aparências, de um modo geral, ele pode ser entendido como um ‘prolongamento da corporeidade e expressão da religiosidade negra’ (PEREIRA, 2017) persistindo ao tempo tendo sentidos e usos até hoje.

Imaginamos que, devido à relação com a religiosidade, o traje de crioula, diferente de qualquer outro utilizado pelas mulheres marginalizadas, permaneceu existente ao longo do tempo. Mas e as outras vestimentas dessa classe? Por razões de fácil compreensão, como por exemplo, o uso cotidiano que gera desgaste e até mesmo os reaproveitamentos como doação e reformas, as roupas desta classe não foram preservadas, sobretudo em museus. Um pouco se vê nas fotografias, como as de Augusto Malta e Marc Ferrez, e nas charges dos periódicos. A partir desses, podemos considerar, em um modo geral e com atenção aos contextos e discursos, que se vestiam de forma similar entre si, com modelagens, volumes e tecidos simples, sem muitos detalhes. Pode-se dizer, resumidamente, que eram versões simples da moda vigente, mescladas às influências híbridas. Esses trajes merecem análise e estudos mais



aprofundados tendo em vista, entre outras questões, de que ‘não se pode entender os estudos de trajes em sociedades complexas que não apresentem a incidência de elementos de diferentes fontes culturais’ (LODY, 2015, p.41) e influências econômico sociais de diferenciação pela aparência, principalmente, numa sociedade estratificada.


Considerações Finais

Falar da roupa neste recorte é falar dos mecanismos utilizados pela elite econômica para afirmar sua soberania que, através da aparência de sua vestimenta, marca visualmente a distinção que já era enraizada no país, uma distinção que percorria a questão da cor, das crenças, espaços, cultura, política e economia. Considerar a vestimenta como um dos fatores contributivos para a hegemonia e dominação de uma elite, assim como considerar a roupa como um dos fatores de resistência e afirmação da classe marginalizada, é considerar, também, as roupas como suportes de memória, fonte documental para estudos em diversas áreas. Vale ressaltar que poucos são os museus e instituições que possuem acervo de indumentária, e quando o tem, é predominante da elite, pela perspectiva da elite.

Um artigo é pouco para falar de um assunto tão rico e de fundamental importância, pois, embora trate do passado, falar de distinção social é falar do cotidiano de muitos brasileiros. Pensando no campo da moda, o tema possui inúmeras informações que ainda são pouco exploradas no sentido do uso da vestimenta como fonte direta somada a um suporte histórico-teórico que ajuda a enriquecer ainda mais a história das roupas e da sociedade. Sobretudo a sociedade do Rio de Janeiro, afinal é na aparência das ruas e das roupas que a distinção se “personifica” e é na rua que a cidade heterogênea mostra seus contrassensos.

Referências

ABREU, Maurício. Da habitação ao hábitat. A questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 210 – 234, mai/ago, 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10- MauricioAbreu.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017



ANDRADE, Rita M. de. Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. *In*: COLÓQUIO DE MODA, Salvador, 2, 2006. **Anais**. 2006. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202006/artigos/100.pdf>>. Acesso em 13 dez. 2016.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classes e estilos de vida. *In*. ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p. 82-121. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod_resource/content/1/Bourdieu_.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2017.

CAMARGO, Rosane Feijão. **Reflexos da cidade na moda**. Relações entre transformações urbanas e aparência pessoal no início do século XX no Rio de Janeiro. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14523@1>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e civilização. Vol II. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FIGUEIRINHA, Beatriz da S. **A Belle Époque Carioca**: remodelação urbana e vestimenta na segregação de espaços e classes. 2017. Monografia (Licenciatura em História) - Faculdade de História, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2017.


GORBERG, Marissa. **Parc Royal**: um magazine na modernidade carioca. 2013. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FGV_b4f005f994511520dd43d9a072ea001c>. Acesso em: 09 mar. 2017.

LIMA BARRETO. **Os Bruzundangas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LODY, Raul. **Moda e história**: as indumentárias das mulheres de fé. São Paulo: Editora Senac, 2015.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, v. 11, p. 89-103, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>>. Acesso em: 07 dez. 2017.



MONTEIRO, Aline O. Temerloglou. **Para além do “Traje de Crioula”**: um estudo sobre materialidade e visualidade em saias estampadas da Bahia oitocentista. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia., 2012. Disponível em: <https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2012_Aline_Oliveira_Temerloglou_Monteiro.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2017.

PEREIRA, Hanayrá Negreiro de O. **O axé nas roupas**: indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20817>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

VELLOSO. As Tias Ciatas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 6, vol. 3, p. 207-228, 1990. Disponível em: <<https://academiadosamba.com.br/monografias/velloso.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

